

# a livraria dos segredos

jenny colgan

Tradução de Chá das Cinco



*Para os cientistas das vacinas, porque, caramba,  
você salvaram-nos,  
vós que sois pessoas tão, mas tão brilhantes.  
E também para os vacinadores.  
Muito obrigada.*

«Ah, e quão doce e agradável é à visão verdadeiramente espiritual ver crentes tão variados...»

Dito popular *quaker*

## PRÓLOGO



— **M**as, nós estamos em *agosto*! — disse Carmen ao telemóvel, pondo de lado o livro. — Agosto! Lá fora está praticamente o Sol a brilhar! Calcei sandálias! As carrinhas de gelados estão sempre a fazer rondas! Na semana passada pus bronzeador, e quase foi útil! Como posso sequer pensar naquilo que me propões?

— Estou apenas a falar — ouviu-se de novo a voz suave da mãe, e Carmen suspirou. Tinham a mesma contenda todos os anos. — É bom saber quanto antes, é só isso. E, claro, a Sofia...

Carmen fez uma careta.

— Sim, vai deitar cá para fora outro fedelho e sobrepovoar o mundo, blá-blá-blá, já sei.

— Carmen June Hogan, sê gentil.

— Vá lá, mamã. Ela já tem três e está simplesmente a ser gananciosa. De uma maneira ou de outra, nem sei o que estarei a fazer pelo Natal. Posso ir para fora.

— Com quem? — A voz da mãe soou cética.

— Posso conhecer alguém, de hoje até ao Natal... E pode acontecer que esse alguém queira levar-me para Barbados, por exemplo! Ou para Los Angeles!

Quase sentia a mãe a sorrir do outro lado do telefone.

— Portanto, não vens a casa no Natal, porque estarás em Los Angeles.

— Poderei estar em Los Angeles.

Carmen pensou para consigo que não podia ser a única pessoa do mundo a ter perto de trinta anos e a continuar a sentir-se como uma adolescente rabugenta sempre que era confrontada pela mãe.

Contudo, *ainda* estavam em agosto. Não lhe apetecia pensar no fim do verão ou acerca da próxima celebração natalícia — a dormir no seu quarto

de infância, que fora entretanto atafalhado de coisas parvas que não lhe pertenciam: máquinas de costura e afins. A ler as capas dos seus livros antigos, alinhados nas estantes: os da série «Follyfoot», C. S. Lewis e *The Dark is Rising*, mesmo a condizer com o Natal.

E depois toda a gente ia andar à volta dos filhos de Sofia, que eram barulhentos e mal-educados e que receberiam, como sempre, tudo e mais alguma coisa (imperativamente objetos de madeira e muito dispendiosos), de tal maneira que, mal desfaziam o embrulho de um presente, já estavam agarrados a outro.

Também a cada passagem do ano, os presentes de Sofia para o resto da família tornavam-se cada vez mais aparatosos e caros, tornando óbvio quem da família estava a viver bem — e quem continuava a dormir sob o edredão das Spice Girls e a presentear todos com os artigos com desconto da loja onde trabalhava.

Apesar de tudo, a mãe continuou a insistir.

— Sabes, a Sofia vai querer mostrar a sua casa nova e não vai querer viajar. Pensei que podíamos ir para casa dela e eu cozinhava...?

Sofia trabalhava em Edimburgo como advogada, a mais de cem quilómetros da pequena cidade costeira escocesa, que, em termos industriais, se encontrava moribunda. Estava a sair-se muito bem, muito obrigada, com o seu atraente marido, um advogado de direito internacional, e com os bebês, um *Range Rover*, e por aí fora, blá-blá-blá. Carmen continuava a trabalhar no centro comercial, o mesmo para o qual havia feito os sábados, quando ainda andava na escola. A loja estava decadente e a piorar a cada dia. Literalmente, ninguém da família fazia alguma vez referência a isto, o que tornava tudo pior.

Como se adivinhasse os seus pensamentos, a mãe baixou a voz.

— E como vai Dounston?

Carmen entendeu, se bem que detestasse o tom.

— Bem... estaremos certamente melhor no Natal — respondeu, e ambas tentaram desesperadamente acreditar nisso.



Carmen desligou sem resolver de forma satisfatória a questão do Natal — recusando-se, na verdade, a comprometer-se, até porque sabia que a mãe iria em frente e contaria com ela, de uma maneira ou de outra. E era claro que *não* surgiria outra coisa e que estaria novamente de regresso, ou para a residência nova de Sofia — fosse a casa dela como fosse, era certo que

lhe dariam o pior lugar para dormir —, ou sob o edredão antigo dela das Spice Girls, no dia 24, o que a fazia sentir-se mais deprimida do que nunca. Olhou em redor para a sala do pessoal.

A melhor colega dela na loja, Idra, acabara de entrar e fitava a caneca com motivos florais que pertencia à supervisora, a senhora Marsh, a qual estavam proibidas de usar, sob pena de morte.

— Nem penses — disse-lhe Carmen.

— Vou fazer *chichi* para dentro dela — disse Idra, radiante. — Ela quer colocar-me de novo na horrível secção dos chapéus.

Carmen suspirou fundo, compreensivamente. Os chapéus ficavam logo à entrada, alimentando a estratégia de que quem entrasse da rua principal, que se esvaziaria para se fugir do frio, perceberia de imediato a sua inevitável utilidade.

Infelizmente, para quem estivesse ali a prestar assistência ao cliente, isso significava repentinas correntes de ar gelado, numa mistura feroz e petrificante com o aquecimento interior, fazendo-nos transpirar, fosse qual fosse a roupa que se vestisse. Se bem que, naqueles dias, a porta se abrisse cada vez menos.

Carmen media os seus dias através dos livros que ia lendo. Mantinha um livro de bolso na gaveta da secretária, para ler durante os períodos de pouco movimento, depois de ter feito as montras as vezes humanamente possíveis durante um dia e limpado o pó, endireitado os manequins e outros dispositivos e verificado as peças em exposição. Quando começara a trabalhar nos armazéns comerciais de Dounston, os dias eram tão ocupados que remetera a leitura para a hora do almoço ou as viagens de auto-carro. Agora conseguia ler um romance em três dias, e cada vez demorava menos tempo a fazê-lo. Isso era muito, mas muito, preocupante.

— É de mim que ela gosta menos — disse Carmen, voltando ao assunto da senhora Marsh, enquanto inspecionava o plano de trabalho para a semana seguinte. Era para ela a combinação de turnos mais improvável — um turno de manhã cedo, seguido de um turno mais tardio, seguindo-se um turno cedo e outro tardio no mesmo dia —, o que continuava a deixá-la muito apertada em termos de um horário *full-time* e, assim sendo, também ao nível de um salário que lhe desse para o mês inteiro sem ter de contar tostões com tudo e com todos, e poder divertir-se um pouco, sem ter de trazer todas as sobras de casa da mãe, aos domingos à noite.

— Ela disse-me que eu parecia uma vadia — contou Idra.

— O que tinhas vestido?

— Literalmente tirei o meu casaco de malha. Durante cerca de, digamos, dez segundos.

Carmen riu-se e depois caiu no silêncio, uma vez que a pessoa de quem falavam deslizara sorrateiramente para a sala. As décadas de trabalho da senhora Marsh em superfícies comerciais haviam-na ensinado a deslizar, embora fosse uma mulher corpulenta, sempre à espreita de possíveis mal-comportados, gatunos, vagabundos, fingidos e basicamente de todo o tipo de pessoas que pudessem estar realmente a divertir-se a fazer compras num armazém de venda ao público.

Conseguia ser silenciosa com os seus pequenos pés — sempre elegantemente calçada com sapatos clássicos pretos, por mais que talvez lhe mordessem os calcanhares e contribuíssem para as veias salientes que se espalhavam cada vez mais pelas pernas, anos após ano, qual hera que crescesse e as entrelaçasse, apenas visíveis através dos *collants* cor de pele. O diafragma da senhora Marsh era sólido e o peito avantajado recebia o suporte de um *item* da secção para tamanhos grandes de senhora, do departamento de *lingerie*, pelo que parecia ter apenas um só seio amplo, que, em caso de emergência, já lhe servira certamente de base de apoio.

Carmen e Idra concordavam que a ideia de perfeição da senhora Marsh prendia-se com uma superfície comercial completamente vazia e limpa, sem clientes a desarrumarem tudo e a permitirem que os filhos deitassem ao chão artigos de vidro, sujassem o chão polido com os sapatos enlameados e desrespeitassem as regras de etiqueta para o uso dos elevadores (a senhora Marsh lembrava-se dos dias em que havia um funcionário para esse serviço e mencionava-o com bastante frequência). Não ter ninguém nas lojas era exatamente como ela gostava.

O pior era a senhora Marsh estar a ter o que mais desejava, de acordo com o movimento decrescente dos últimos anos.

Uma a uma, as outras lojas tinham saído dos seus centros pouco importantes — BHS, Next, Marks and Spencer, WH Smith — e ali haviam experimentado a sua queda.

O armazém comercial de Dounston, onde gerações e gerações de noivas tinham elaborado a sua lista de presentes e feito a escolha do tecido para os seus vestidos de casamento, onde futuras mães tinham adquirido os carrinhos de bebés e famílias haviam comprado as suas loiças e sofás, os materiais e os artigos domésticos; o armazém de Dounston, que preparava o *stock* para os uniformes escolares em agosto e o dos perfumes caros no Natal, tal como os brinquedos maravilhosos no respetivo departamento,

que deixavam as crianças de boca aberta, enquanto faziam fila para a foto do ano e o pequeno presente na gruta do Pai Natal; previa-se que o armazém de Dounston fosse a próxima superfície comercial do género a encerrar portas.

Não parecera possível a Carmen que um edifício tão sólido, tão interligado com a cidade e com os seus habitantes — com as janelas de vitrais a ilustrarem os barcos que os homens haviam construído no rio Clyde, e a sua cafetaria a vender pastelaria francesa e *scones* e a desdenhar do conceito de algo tão caprichoso como um *latte* — alguma vez fechasse as suas portas. Era o coração da cidade.

Porém, a cidade aparentava estar acabada. Morta. A rua principal não apresentava senão lojas de segunda mão e de aluguer de *scooters* para a mobilidade cidadina, postos de câmbio e envio de dinheiro, assim como uma ou outra empresa municipal que fomentava sem sucesso a venda de artes plásticas locais.

As pessoas queriam que o centro citadino funcionasse, mas não a ponto de pagarem pelo estacionamento, quando os parques do centro comercial nos subúrbios eram gratuitos e brilhantes, e dispunham de um Wagamama.

As pessoas queriam que o centro citadino funcionasse, mas não o suficiente para darem 17,99 libras por uma caneca de porcelana chinesa com a imagem de uma pastora, quando podiam encomendar algo que lhes fosse útil por menos de uma nota de 5 libras, na Amazon. Também não se davam ao trabalho de atravessar o centro da cidade à procura de três metros de fita cor-de-rosa, apenas para descobrirem que não havia fita dessa cor e que teriam de comprar fita bordô, apesar de quererem cor-de-rosa, quando podiam em dois minutos encomendar precisamente a cor que pretendiam naquela loja *online*, a baixo preço e com entrega em casa no dia seguinte.

Carmen entendia perfeitamente. Também ela era culpada de fazer compras pela *internet*, mesmo indo trabalhar na cidade todos os dias. Além disso, quem é que ainda usava argolas para os guardanapos, nos dias que corriam? Quantas almofadas de decoração compraria na sua vida uma pessoa no seu perfeito juízo? E as damas de honor já não faziam os seus vestidos com grandes quantidades de cetim cor-de-rosa ou lilás (ou de outro tecido semelhante, se tivessem de economizar). Encomendavam-nos do estrangeiro, de onde chegavam tarde e sem servirem, e lá tinham de ir até ali, com as faces enrubescidas, a pedirem conselhos para os ajustarem, e abainharem, e comprarem aquele fecho-éclair estranho de última hora.

Mas apenas três dias após a conversa com a mãe sobre o Natal, aconteceu. Foram todos convocados. Idra protestou ruidosamente que deveria ter envenenado a porcaria da caneca quando a senhora Marsh, que deveria já ter ultrapassado em muito a idade da reforma — Idra calculava que ela já teria noventa anos —, lhes disse, não sem demonstrar um certo prazer nisso, que todos iriam ser notificados, ou que, nas palavras dela, num tom eloquente e afetado, «infelizmente seriam tornados redundantes».

Olhou à sua volta através dos óculos grandes com armação pastel, enquanto ajeitava o cabelo curto e alisado com laca.

— *Alguns* de vós, tenho a certeza, irão receber ótimas referências e encontrar outro emprego sem qualquer problema — disse, ao olhar incisivamente para a sua favorita: a lambe-botas Lavinia McGraw.

Ao ouvi-la, Carmen e Idra entreolharam-se e Carmen teve aquela terrível sensação que surge quando temos vontade de nos rir nos momentos mais inapropriados.

Porque a situação era terrível. Era devastadora. Um desastre. E ela previra-a. Todos a haviam previsto. E ela nada tinha feito para a evitar. Agora não valia a pena apontar o dedo à senhora Marsh.

## CAPÍTULO

### um



Sofia d'Angelo, nascida Hogan, mirou a coroa natalícia pendurada na porta lúidia e negra da frente da sua casa, depois semicerrou os olhos e tornou a ajustá-la, deu um passo atrás e voltou a observar o efeito perfeitamente simétrico.

Não conseguia evitar. Assim que vira a casa, soubera de imediato. Apaixonara-se instantaneamente. *OK*, a cave era um pouco húmida. Era uma casa antiga. Mas amor era amor. Ninguém era perfeito. Se bem que nesse dia o número 10 da Rua Walgrave lhe parecesse muito próximo da perfeição, sem sombra de dúvida.

A casa situava-se num terreno com residências de alturas diferentes e era a mais pequena: de quatro andares, se se incluísse a cave. Fora construída com robustas pedras cinzentas de arenito, nos tempos georgianos, na franja extrema da «nova» cidade de Edimburgo (que nada tinha de novo), e contava com cinco janelas perfeitamente apaineladas de doze vidraças, assemelhando-se ao desenho de uma criança, um varandim em jeito de filigrana junto às janelas do último andar, uma fila de degraus de pedra fina que subiam até à porta da frente, um corrimão com suporte de ferro entrelaçado, pelo qual, presentemente, se enleavam grossas braçadas de azevinho, iluminadas com pequenas luzes amarelas, elegantes e cálidas, e que suportavam ainda pequenos laços de tecido vermelho e axadrezado. Assemelhava-se a uma daquelas casas dos cartões de Natal, a luz calorosa a sair do interior para a escadaria frontal e o passeio gelados e uma enorme árvore de Natal com as mesmas luzes cálidas e laços vermelhos em cada camada.

Duas árvores de Natal! Sofia abraçou-se a si própria com regozijo.

Tinham percorrido um longo caminho desde o pequeno apartamento camarário do outro lado da Escócia.

Reservara as entregas de Natal em setembro, assim como já tinha embrulhado os presentes de madeira para os filhos, obviamente com papel de embrulho diferente para cada um, porque o Pai Natal pensava nestas coisas; comprara o seu vestido para a celebração, muito embora a dinâmica da festividade costumasse cansá-la rapidamente, para mais agora que estava grávida. As peças de teatro natalícias e os concertos com os cânticos de Natal também estavam apontados no calendário, assim como a viagem dispendiosa à feira de Natal e o espetáculo especial do Lyceum Christmas. E ainda era início de novembro. Tinham acabado de retirar a coroa do Halloween, de muito bom gosto, as abóboras e a decoração preta e cor de laranja ao redor da entrada, e removido o recipiente grande de doces sem açúcar.

Tudo corria bem no mundo de Sofia.

Tirando a Carmen, claro.

Falara com a mãe ao telefone. A irmã encontrava-se há três meses a viver de novo na casa dos pais, sem emprego, e todas as semanas Sofia recebia o telefonema da mãe a pedir-lhe que lhe arranjasse algo. As chamadas estavam a tornar-se cada vez mais desesperadas. Ali, onde viviam, não havia empregos, muito menos em vendas. E Carmen também não se mexia.

Quando Sofia era criança, gostava de alinhar as suas bonecas e dar-lhes lições sobre como se comportarem à hora do chá. No mundo dela tudo estava zelosamente organizado e arrumado. Então, quando tinha quatro anos, a mãe engravidara. Nessa altura muitas pessoas disseram a Sofia que ia ser uma irmã mais velha maravilhosa, o que agradara muito à pequena Sofia, particularmente porque recebera um montão de presentes extraordinários, enquanto a bebé recebera muitas roupas velhas e aborrecidas. Fora um tempo magnífico. Sendo ela — mesmo em pequena — alguém muito inteligente, preparara-se de imediato para receber Carmen como uma amiga, aliada e seguidora em tudo.

Infelizmente, a criatura de faces avermelhadas e aos guinchos em nada se parecia com os bebés dos livros infantis de Sofia. Ao crescer, percebeu que não gostava de bonecas, de brincar à hora do chá ou de usar um vestido novo. Na verdade não apreciava vestidos em geral, e detestava ir à escola, algo que Sofia adorava. Desde a sua chegada, Carmen fora só esquisitices. Era esquisita para sair, ou para entrar, para subir ao piso superior, ou tomar um banho, ou para lhe lavarem o cabelo, para ter aulas de natação, ou ir a casa de outras pessoas, para subir para o carrinho de bebé, ou descer dele.

Sofia nunca conseguira convencer Carmen de que era simplesmente mais fácil ser simpática com as pessoas, quer gostasse quer não, deixá-las sorrir, passarem-lhe a mão pela cabeça e darem-lhe um biscoito. Para Sofia, tudo isto parecia muito óbvio. Carmen, por sua vez... estava a ser uma pequenina pedra no sapato da autossatisfação da irmã. Franziu o sobrolho. Aparentemente, segundo a mãe, as coisas estavam... a ficar novamente complicadas. O que explicava a ausência de Carmen na festa de anos da filha e o facto de não se dar sequer ao trabalho de enviar um cartão de aniversário, ou telefonar, ou contar-lhe, nem que fosse ao de leve, o que se passava na sua vida.

Bem, não valia a pena preocupar-se com isso agora. Sofia voltou a serenar o sobrolho: nada de *botox* até a criança nascer. Preocupar-se-ia com a irmã quando tivesse absolutamente de o fazer.

Deu uma última olhada feliz à sua adorada casa e contornou com os seus saltos altos as poças geladas, a caminho do trabalho.

## CAPÍTULO

# dois



— **A** Sofia não me quer por perto. — Que disparate! — mentiu a mãe. — Vocês estão simplesmente em fases diferentes das vossas vidas. E tu magoaste-a relativamente à festa de aniversário da Pippa.

— Fui eu quem a *magooou*? — disse Carmen. — Estou simplesmente aqui, sem nada a acontecer na minha vida, a viver de novo no meu quarto tendo perdido o emprego, mas, de algum modo, os sentimentos da preciosa Sofia são sempre muito mais importantes.

— Querida, por favor. Nem um cartão de aniversário?

— Ela não me quer em casa dela. Sou apenas a irmã mais nova esquisita, de quem toda a gente tem de sentir pena, porque continua a trabalhar na mesma loja, e nem isso estou a fazer atualmente, porque ainda não casou, e não é toda pretensiosa nem está grávida, como todas as amigas cidadinas dela, de nariz empinado. — Carmen não conseguiu evitar enrubescer.

— É normal ter ciúmes — disse a mãe, que logo depois mostrou um ar assombrado por ter dito exatamente o que não devia.

— Não estou com ciúmes! Quem é que deseja ter tanta criançada à perna? — disse Carmen. — Pensei simplesmente que ela não se importasse. Pensei que tivesse mais com que se preocupar do que se eu ia ou não a uma estúpida festa de anos.

— Mais com que se preocupar do que com a ausência da única irmã junto da família dela?

— Mas a família dela não é a minha família! — disse Carmen. — E a cada *dez minutos* há algo a acontecer: um casamento, um batizado, uma festa de aniversário, festas para o bebé. Por favor, Carmen, põe de parte

o teu precioso tempo livre e vem dizer-me como sou brilhante, e como é brilhante a minha vida, e os meus filhos, e, já agora, quero que me tragas presentes muito caros que não podes comprar e vamos a restaurantes que não podes pagar, e eu farei questão de pagar a parte da minha irmã pobre. Oh! Olha só para a minha casa gigantesca!

Carmen cruzou os braços, zangada. Sentia falta do seu pequeno apartamento alugado, mas as economias dela estavam em baixo. Fazia umas horas aqui e ali em cafés e bares, mas a cidade inteira andava à procura de trabalho. Os pais estarem a ser compreensivos sobre tudo também não ajudava. Sabia bem o que queriam dizer-lhe: que ela fora uma rapariga inteligente, que podia facilmente ter entrado na universidade, ter arranjado um negócio ou uma profissão. Mas fora teimosa, não os ouvira.

Portanto, canalizava a sua frustração para outro lado.

— Além de vocês estarem sempre junto do altar dos netos a prestarem-lhes culto e a largarem tudo e todos para o fazerem. A família inteira parece simplesmente um clube de fãs da Sofia. E desde o momento em que não quis fazer parte de nada disso, passei a ser a *Carmen má*.

A mãe permaneceu em silêncio. Havia alguma verdade no que Carmen acabava de lhe dizer: três filhos resultavam em muitas festas, presentes e confusão. Carmen saberia sequer a idade deles? Mas havia muitas tias que eram amorosas. Queria tanto que as filhas fossem mais próximas. Queria que todos fossem próximos, pois era isso o que significava ser família.

— Penso que a tua irmã precisa realmente de ti agora — disse, não sendo isso o que pensava.

— Não precisa, não — contrapôs Carmen. — Ela tem a sua «ama espetacular». — Carmen tinha a certeza de que Sofia falava da «ama espetacular» de um modo fulgurante que nunca usara relativamente a si. — E o Federico.

— Ele tem estado fora, sempre em trabalho — disse a mãe. — A tua irmã está prestes a ter outro bebé e continua a trabalhar. Três filhos é muito, mesmo tendo uma ama. E ela tem espaço. E disse que pode ajudar-te.



— Estás a brincar, mamã! — fora o que Sofia realmente dissera quando a mãe insistira mais uma vez. — Não me vais largar a pirralha. Tenho três filhos, mais o Federico, outro a caminho, um caso enorme que não posso deixar, e estás a pedir-me que também cuide da Carmen?

— Se queres despachar alguma coisa, pede a alguém muito ocupado?

— tentou de novo a mãe, esperançosa. — Já pouco resta aqui, Sofia, muito pouco. A cidade está acabada.

— Eu sei — disse Sofia. — É o que se ouve.

— E a tua irmã... Odeio vê-la assim tão triste.

Sofia sentiu uma pontada de culpa.

— Ela não vai querer vir. Pensa que Edimburgo é apenas uma cidade cheia de idiotas arrogantes e chatos, de calças vermelhas.

— Ela...

Era exatamente o que Carmen pensava e assim o expressara em várias ocasiões.

— Apenas pensei... — disse a mãe. — Ela faz sempre de conta que está tudo bem, mas na realidade não está, e isso dá cabo de nós. Não anda com ninguém, não tem emprego... estou tão preocupada.

— E porque haveria de a Carmen ser um problema meu?

— Não é — disse a mãe. — É um problema de todos. Não, não era isso que queria dizer. Mas eu apenas pensei... pensei que pudesse conhecer os teus filhos.

Sofia resfolegou.

— Ela nem sabe o nome deles!

— Sabe, sim!

— Nem se deu ao trabalho de vir à Primeira Comunhão da Pippa. Durante a festa houve um lugar vazio à mesa.

— Bem sei — disse a mãe. Fora uma situação desagradável.

— Enviou-me uma mensagem para o telemóvel vinte e quatro horas depois, que dizia «Dsculp». Dsculp.

— Ela não sabe como é — disse a mãe. — Ter filhos. Como pensamos neles a toda a hora. Como eles são tão importantes. Ela não consegue entender isso.

— Eu sei — disse Sofia.

— Como estamos sempre preocupados com eles, e se um estiver infeliz, somos, literalmente, capazes de fazer tudo para que se sinta melhor...

— Estás a ser demasiado óbvia, mamã!

Mas a mente ativa de Sofia já andava às voltas.

— Quer dizer, ela era boa no que fazia? Verdadeiramente? Ou estava apenas a passar tempo como fazia na escola?

— Não, era boa — confirmou a mãe. — Todas as noivas e damas de honor se aconselhavam com ela, nos tempos em que ainda se fazia isso e não se encomendava tudo pela *internet*.

— Ela continua a levar aqueles homens assustadores para casa?

A mãe encolheu-se.

— Não tem sido fácil para ela.

— Lembras-te do poeta?

— Lembro — disse a mãe. — Foi realmente um espanto aquele almoço de domingo, em que ele declamou diante do vosso pai um soneto inteiro de teor sexual.

Ambas se riram, mas depois pararam porque não era correto rirem-se de Carmen. Mas, por vezes, era ela que provocava essa reação.

— Ugh — disse Sofia.

— Ooh — disse a mãe. — Quer dizer que tiveste uma ideia...

Sofia pensou bastante, depois acabou por retorquir:

— Mas se ela estragar tudo...

— Ela vai fazer tudo bem! — asseverou a mãe, enquanto fazia figas com os dedos bem apertados.

## CAPÍTULO

# três



Era apenas uma ideia, dizia Sofia para consigo, no dia seguinte. Não era um compromisso. Não era uma promessa.

Mas o senhor McCredie já era um cliente muito antigo, ainda antes do tempo de Sofia. Se — e era um enorme se — a Carmen era uma boa vendedora, bem, talvez por aí pudessem evitar o pior, pelo menos até encontrarem um comprador. Além de agradar à mãe. E a Carmen talvez ficasse também um pouco agradecida e agradada. Portanto...

Seria uma bela notícia a transmitir, particularmente naquele dia, em que não tinha muito boas novidades para dar.

A maioria das pessoas que iam ao seu escritório ficavam felizes por verem a barriga de Sofia, ou pelo menos desejavam-lhe felicidades, ou faziam-lhe perguntas agradáveis. O cliente de Sofia daquela manhã, o senhor McCredie, não era como a maioria das pessoas. Parecia extremamente incomodado pela própria existência da gravidez, desviando os olhos da parte do meio do corpo dela.

Ela sorriu mais do que era habitual e tentou não ficar incomodada; afinal, o senhor McCredie era excêntrico e a notícia que tinha para lhe dar era tão má que provavelmente o melhor era não receber felicitações abundantes acerca do bebé antes de ter de lhe contar o pior.

— Então? — Ele parecia nervoso e consultava o enorme e muito antigo relógio de pulso. Detestava aquelas reuniões. Sofia também não as apreciava muito.

— Senhor McCredie, fiz o que me pediu, mas devo dizer-lhe, além de o advertir de que é melhor falar igualmente com o seu contabilista, que receio que esteja tudo terminado. Estamos a chegar ao fim da linha. Já não existe quase nada para vender.

Era de partir o coração. Uma fortuna de família, um bom nome, uma propriedade enorme nas Terras Altas da Escócia que, durante anos, trouxera os devidos rendimentos.

O senhor McCredie, porém, não estava interessado em administrar a propriedade, deixando-a degradar-se e arruinar-se, com a mansão enorme a cair aos pedaços. Não tinha família, nem irmãos que tratassem de tudo. Tinha o apartamento em Edimburgo e a livraria, não estando esta a dar qualquer lucro, pelo que optara por vender cada vez mais terras, gastando a herança, o capital, em simples despesas correntes.

Agora vendera-se a mansão e o dinheiro fora gasto sobretudo em impostos sobre o capital e sobre as terras e afins. Cabia a Sofia a desagradável tarefa de lhe dizer que lhe fora legada uma fortuna que ele fora perdendo — não pelo vício do jogo, por casar ou viver uma vida extravagante, mas simplesmente por não lhe prestar a devida atenção.

O senhor McCredie disse-lhe algo deveras surpreendente.

— Não faz mal — disse ele. — Apenas me preocupa a livraria.

— Ah — disse Sofia. — Pois, a livraria. Receio ter más notícias também quanto a ela.

O senhor McCredie pareceu espantado. Sofia apenas sabia que ele geria uma livraria antiga, situada na parte velha da cidade. Além de saber que a loja não dava qualquer lucro.

— O preço das rendas vai subir — disse-lhe. — Não ouviu falar nisso?

O senhor McCredie encolheu os ombros. Sofia sabia que ele não era particularmente dado a abrir envelopes.

— Ao que parece... ao que parece, não está a ter lucro algum com a livraria.

Pela primeira vez, a expressão do rosto dele mostrou genuína preocupação.

— Bem, não é... não é bem assim. É que... nós vendemos livros antigos e raros. Muito específicos. Não pode simplesmente entrar e pedir a última obra do Ian Fleming, sabe?

Sofia decidiu não o informar de que não saía um livro novo de Ian Fleming há um tempo considerável.

— Eu entendo — disse.

— Tenho andado a formar uma coleção. Na livraria tenho alguns dos melhores estudos sobre a arquitetura da cidade que existem!

— Compreendo, mas... se a livraria não conseguir arcar com as despesas, não sei como poderá subsistir.

— É que... tenho-a mantido há tanto tempo. Na Victoria Street encontram-se livrarias com dois séculos de existência.

Sofia acenou com a cabeça.

— Tenho indagado — disse-lhe. — Podia vendê-la como uma empresa solvente.

Ele pestanejou.

— Oh, meu Deus. Não queria mesmo ter de fazer isso.

Sofia suspirou.

— Não, queria dizer que só consegue vendê-la como uma empresa solvente. Se não começar a dar lucro, irá perdê-la de uma forma ou de outra, sem obter qualquer dinheiro por ela.

O idoso pestanejou lentamente.

— E as rendas irão subir no início do próximo ano.

— Não entendo o que está a dizer-me.

Sofia jamais mencionaria que isso se devia ao facto de ele se ter recusado a ler as muitas cartas que lhe tinham enviado sobre o assunto. O motivo de estarem a conversar acerca disso não era culpa dela. Sofia detestava deixar as coisas para a última hora.

— Tem de apresentar lucros — disse-lhe. — Idealmente durante os próximos dois meses, incluindo a quadra do Natal, e antes da subida das rendas. Se fizer isso, provavelmente encontrará um comprador. Se continuar a perder dinheiro... vai perder tudo.

Desta vez, ao levantar o rosto, os olhos dele estavam húmidos.

Ela suspirou. O universo parecia conspirar a favor da maldita mãe dela.

— Até... até ao *Natal*? Tenho de apresentar lucros até ao Natal?

— Penso — disse-lhe Sofia — que conheço alguém que poderá ajudá-lo.

## CAPÍTULO

# quatro



**E**m Edimburgo, tudo é a subir. Isto pode afigurar-se impossível, mas não é. E muito menos quando se trata da Waverley Station, imersa na base de um lago drenado, localizada incongruente no centro de uma cidade, onde outras cidades mais sensatas tinham rios, pontes e outras coisas mais apropriadas.

E, na apatia da tarde gélida e escura daquela estação ferroviária cinzenta, repleta de assobios e com o cheiro a café a pairar sobre o terminal, uma figura pequena e magra içava a mochila sobre os ombros e olhava para cima, revoltada.

— Ah, não precisas de apanhar um táxi, é muito perto — enviara-lhe Sofia por mensagem. Mas quando o caminho era sempre a subir e o vento soprava desalmadamente, a distância era enorme, gigantesca como tudo.

Lá fora, do topo das escadarias ventosas que saíam da estação, a cidade erguia-se ao seu redor, porém Carmen mal reparou nela, porque os milhares de turistas à sua frente preenchiam todo o campo de visão com as enormes mochilas. Claro que ela já visitara a cidade, em excursões escolares ou quando fora ao festival, mas não a conhecia bem. Enquanto ia dando encontrões para abrir caminho, de cabeça baixa contra o vento, a primeira coisa que viu foi um bar com uma esplanada espaçosa, precisamente diante da estação, com uma banda de música a tocar ao vivo e pequenas luzes à volta a piscarem.

Mais à frente, já com a tarde a dar lugar à noite, viu uma feira popular de inverno até perder de vista, com tendas a venderem salsichas, vinho aquecido com especiarias, chocolate quente e conhaque. Aparentemente, ali começavam cedo.

Havia pessoas por todo o lado: crianças pequenas, olhos esbugalhados de espanto, nas suas sapatilhas com luzinhas piscantes; adolescentes risonhos e a acotovelarem-se; raparigas em camisolas sem mangas e minissaias, completamente alheias ao tempo. Carmen não reparou em nada disto, seguindo religiosamente o mapa da cidade no telemóvel, ao mesmo tempo que tentava não ser atropelada por algo que, para sua grande surpresa quando levantou os olhos, verificou ser um elétrico a apitar, furioso, na sua direção.

*Eles têm elétricos?*, pensou, saltando para trás. *Quem diria?*

Lembrou-se novamente do olhar tenso e desapontado dos pais, quando a mãe deixara escapar, tão gentilmente quanto pudera, que a empresa de advogados da irmã estava a tratar de um caso de alguém que mantinha uma livraria e que andava à procura de uma ajuda sazonal.

— Pediram à *Sofia* que me arranjasse um emprego? — perguntou Carmen, apreensiva.

Fora sempre bastante capaz de arranjar trabalho para ela. Está bem, tinha estado a visitar página após página na *internet*, a ver de novo os filmes da Netflix e a ler mais uma vez todos os livros da série «Anne of Green Gables», porque decidira igualmente cuidar de si um pouco, enquanto fazia o luto pela perda do seu emprego e da vida que tivera. E porque não?

— Portanto, a Sofia é que sabe, novamente?

A mãe e o pai entreolharam-se.

— Ela está só a tentar ajudar-te — disse a mãe.

— Ela está a *exibir-se*. E se não gostar do trabalho?

Carmen estava consciente de que andara a comportar-se como uma pirralha, sempre em casa, com cama e roupa lavada, as refeições a horas, e o pai dela — que era um homem gentil que raramente repreendia as filhas — ainda assim tirou os olhos das palavras cruzadas e ergueu as sobrancelhas.

A voz de Carmen desfaleceu.

— Quero dizer... isto tem sido tão difícil para mim.

Concorrera a tantos empregos, mas, sem grandes qualificações académicas ou profissionais, não estava a conseguir nada, a não ser que decidisse ser uma bailarina exótica ou motorista de carrinhas de entregas. Carmen não tinha a certeza em qual das duas funções faria pior.

Esperara que os pais fossem em sua defesa, como de costume, confirmando que estaria a passar um mau bocado, que a culpa não era dela se a loja encerrasse portas, e que merecia refazer-se um pouco antes de recomeçar a mover-se no mundo do trabalho.

Mas nenhum dos dois falou. O pai limitou-se a olhar fixamente para o chão. A mãe assumiu uma expressão miserável, porém permaneceu calada.

— Acham todos que estou a ser infantil — disse Carmen, devastada.

— Não, *chica* — disse-lhe a mãe. — É que... nós apenas queremos ver-te restabelecida e...

— Vocês pensam que estou a desperdiçar a minha vida.

— Nenhuma vida é um desperdício — disse o pai, mas soou como se proferisse um lugar-comum, e a voz dele ecoou vazia na pequena e organizada cozinha.



*Vou ser simpática. Vou sentir-me grata*, dizia Carmen para si mesma, enquanto finalmente enveredava pelo caminho correto.

Sofia tinha-lhe enviado fotografias da casa, mas Carmen nunca lhes prestara muita atenção, partindo do princípio de que seria uma construção grande, chique e estúpida. Não contava realmente que fosse assim; pelo contrário, que seria adorável de partir o coração.